



DEFESA DE LOUISE MICHEL

DEFENCE OF LOUISE MICHEL

DÉFENSE DE LOUISE MICHEL

Apresentação

Jade Oliveira Chaia¹; Philippe Lacour²;

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade de Brasília.

² Professor Doutor do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.



[APRESENTAÇÃO]

A tradução do discurso pronunciado por *Louise Michel* em 22 de junho de 1883 desvela-se como um mergulho profundo nas águas tumultuadas do movimento da *Commune*, cujas ondas ressoam como ecos de uma revolução inacabada. O discurso entrelaçado com as cicatrizes deixadas pela *Commune*, transcende as limitações do tempo, emergindo como uma peça vital que encapsula a fervorosa luta por igualdade e liberdade em um capítulo crucial da história francesa.

O movimento, assume sua posição como um epicentro revolucionário que desafiou as estruturas estabelecidas, semeando ideais utópicos. Seu efêmero período entre março e maio de 1871 personifica a efervescência dos ideais socialistas e anarquistas, tornando-se um farol de resistência contra a opressão estatal e as disparidades sociais. Louise Michel, a *vierge rouge* – ou mesmo *la rebelle*, ou *la communarde* – emerge como uma testemunha ocular dessa efeméride histórica. Sua participação ativa na *Commune*, não apenas a posiciona como uma protagonista, mas como uma voz destemida que desafiou a ordem estabelecida. O discurso de 1883, então, torna-se uma peça crucial desse mosaico, uma continuidade das convulsões sociais que marcaram o período pós-revolução.

Durante seu julgamento, considerado um dos mais originais perante os conselhos de guerra, *Louise Michel* assume a responsabilidade de seus atos, recusando-se a se defender, dizendo: “*não quero me defender, nem ser defendida; pertenço à Revolução social e aceito a responsabilidade de meus atos*”, desafiando assim o papel que a natureza e as leis sociais traçaram para a mulher.

O percurso transcendental de *Michel*, entrelaçando-se habilmente entre os confines da docência e a fervorosa militância, afloram como um relato magistral durante os anos de seu encarceramento, desde o *Camp de Satory* até a solitária existência na *Abbaye d’Auberive*, culminando na espera angustiante pela deportação na remota *Nouvelle-Calédonie*³. No âmago do exílio, *Michel* não se confina apenas aos grilhões da prisão, mas desabrocha como uma erudita escritora, cujas criações, tristemente, se dissiparam no tempo. Seu retorno

³ Cf. *Louise Michel, une Femme libre au bagne*, de Julie Tchernookov. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/blog/20082018/louise-michel-une-femme-libre-au-bagne?mode=desktop>>.



triumfante a Paris, após a *anistia* geral em 1880, é uma ode à resiliência, recebida com uma calorosa boas-vindas e reações que oscilam entre a aclamação vibrante e as críticas mais cáusticas.

Louise Michel, reverenciada como *la bien-aimée*, recusa-se a ser engolida pelo êxito, em vez disso, imerge imediatamente nas águas revoltas da militância política. Sua poesia revolucionária ressoa como um eco atemporal, proclamando que “*a Revolução será a flor da humanidade, como o amor é a flor do coração*”⁴. Quer seja adorada ou repudiada, Michel deixa para trás um legado imortal.

Nesse panorama, a tradução, realizada com maestria, pelas integrantes do projeto de extensão “*Féministes avant l’heure*”, executado no âmbito do programa estratégico “*Mulheres e Meninas na ciência: o futuro é agora*”, com apoio do *Decanato de Extensão*, o *Decanato de Pesquisa e Inovação* e a *Secretaria de Direitos Humanos* da Universidade de Brasília, não apenas capta a essência das palavras de *Michel*, mas também se torna um portal para os eventos que antecederam e sucederam a *Commune*.

Ao contextualizar o discurso dentro desse movimento histórico mais amplo, a versão que se segue, se torna um ato de resgate, trazendo à tona não apenas as palavras, mas as emoções, as aspirações e os desafios que permearam a experiência parisiense. A contribuição da presente tradução adiciona camadas adicionais ao entendimento do contexto revolucionário, enriquecendo a compreensão sobre os motivos e as ramificações desse movimento. Ao explorar os detalhes fornecidos, somos transportados para as ruas de Paris, imersos na atmosfera vibrante e conturbada que serviu como caldeirão para o discurso vigoroso de *Louise Michel*.

Em suma, a tradução, ancorada no contexto robusto da *Commune de Paris*, amplifica as vozes daqueles que ousaram sonhar com uma sociedade mais justa e igualitária. O discurso, então, transcende o tempo, tornando-se uma cápsula do fervor revolucionário que ecoou nas vielas parisienses durante um período fundamental da história.

⁴ Cf. *Mémoires* (1886).